



O PESCADO

ARTE-XÁVEGA

O PESCADO

Ao longo da história da Arte-Xávega em Espinho e de entre as espécies mais capturadas destacam-se o carapau, a cavala e a sardinha. Antes da construção do Porto de Leixões, em finais do século XIX, para além da sardinha, que era abundante, também se pescavam corvinas, pescadas e robalos. Em período mais recente, espécies como o caranguejo, dourada, faneca, linguado, lula, raia, robalo, ruivo e biqueirão também fazem parte do leque do pescado que vem no arrasto das redes.

O carapau, de nome científico "Trachurus trachurus" é a designação vulgar de várias espécies de peixes das famílias "Scombridae" e "Carangidae", caracterizados por um corpo fusiforme, uma linha lateral terminada por escamas em forma de escudo, e uma camada de músculo vermelho na parte lateral do corpo. São peixes pelágicos que formam por vezes grandes populações, com um grande valor nutritivo. Os adultos formam cardumes, que só se aproximam da costa na Primavera e no Verão para desovarem. Os mais pequenos, vulgarmente conhecidos por "jaquinzinhos", abrigam-se entre os tentáculos das medusas. O "trachurus", é o género que habita a costa portuguesa.

A cavala, "Scomber japonicus", existe em grandes quantidades nas nossas águas, no entanto, só quando o tempo começa a aquecer e o mar se encontra mais calmo é que pode ser pescada. Passa a maior parte do Inverno no Mar do Norte, a consideráveis profundidades, período no qual não se alimenta. Com a Primavera chega o tempo da desova, que nas nossas águas é de março a abril. É no Verão que se fazem as grandes pescarias deste peixe. A cavala mede cerca de 85 cm de comprimento, cabeça e o dorso azulados, flancos com pequenas manchas e ventre esbranquiçado.

A sardinha, "Sardina pilchardus", é um dos mais importantes recursos pesqueiros portugueses, tanto em termos económicos como sociais. Com uma vida curta (7/8 anos), tem um regime de exploração intenso. Apesar das flutuações anuais, a época de reprodução inicia-se no Outono (setembro/outubro) e termina na Primavera (março/abril). A safra realiza-se entre os meses de maio a setembro.

O comprimento da cabeça é sensivelmente idêntico à altura do corpo. A boca estende-se até cerca do terço anterior do globo ocular. Caracterizam-se por possuírem apenas uma barbatana dorsal sem espinhos, ausência de espinhos na barbatana anal barbatana caudal bifurcada e boca sem dentes e de maxila curta, com as escamas ventrais em forma de escudo. Cor azulada no dorso e prateada no ventre. Pode atingir cerca de 30 cm de comprimento. Pelágica, mantendo-se entre os 25 e os 30 m de profundidade durante o dia e entre os 15 m e os 35 m durante a noite.

Foi uma espécie essencial para o estabelecimento em Espinho da indústria conserveira em finais do século XIX. A Sardinha foi a "rainha" das conservas Brandão, Gomes & C.^a e contribuiu para o aumento e fixação do número de companhias nesta Costa, que forneciam diretamente a unidade fabril.

"Parte da pesca vai para a fábrica de conservas, e vemo-los ali a tirar as cabeças e a amarrar as sardinhas, cujos sangrentos despojos ficam na areia para as gaivotas, outra parte vai para a venda a retalho e uma parte maior em carros celtas para estrume dos campos." (Miguel de Unamuno, "A Pesca de Espinho", agosto de 1908.)

A MUGIGANGA

Este tipo de pesca empregava menos meios e geria menores rendimentos, utilizando-se para o efeito pequenos barcos – as bateiras –, que se dedicavam à captura de outras espécies, como o camarão, fanecas pequenas, e o caranguejo, produto utilizado pelos lavradores como fertilizante (adubo) para as terras.

"Os caranguejos não têm outro destino. E aqueles mesmos boizinhos ruivos, de longa e aberta cornadura, que puxaram a rede, levam para os campos, nuns carrinhos do mais antigo tipo, nuns carrinhos celtas, de rodas maciças, fazendo uma só peça com o eixo, e com duas aberturas para os aliviar do peso, o estrume extraído do mar." (Miguel de Unamuno, "A Pesca de Espinho", Agosto de 1908.)

A pesca do caranguejo em pequenos cardumes, o tradicional "pilado" ou "mexoalho", procurava libertar os bancos arenosos deste crustáceo que afugentava os cardumes de sardinha. Neste sistema de pesca era utilizada uma rede de arrasto de algodão (4 a 5 metros de altura e 15 a 20 metros de comprimento), de menores dimensões que a da arte-xávega, designada por "mugiganga".

Esta rede era constituída por um saco de sete a nove metros de comprimento, com uma malha guarneçada por tralhas de cortiça e pandu-

lhos. O saco de malha miúda (18 mm) composto por fisgas e ganchos, terminava no pau de calão, a partir do qual se fixavam os cabos de arrastar. Mais tarde, este tipo de aparelho utilizava bóias na parte superior e os "bolos", pesos redondos e chatos, com dois furos, feitos de barro ou cimento, colocados na parte inferior da rede.

Chegados ao lugar do pescado, sondavam a "profundidade do mar e a natureza do solo com a sonda de mão constituída por um cordel, com a marca das braças, chamado fieira, que tinha preso na extremidade mergulhadora um quilo de chumbo em tronco de cone, côncavo na sua porção inferior, a que davam o nome de chumbeira. A concavidade era cheia com sebo duro, geralmente velas de sebo de Holanda."

"A aderência de areia fina ou lodo ao sebo, indicava a possibilidade de existirem linguados, azevias, marmotas, alguns ruivos, chocos caranguejos, etc.; a aderência de areão e pequenos calhaus ou marcas das pedras, indicava a existência de fanecas, cação, etc. Reconhecida a existência de peixe num determinado lugar do fundo do mar, os pescadores fundeavam a bateira com um ferro chamado fateixa, preso a uma corda de espessura média." (Agostinho Faria Isidoro - "A Mugiganga". In "Os Sabeler - uma família de pescadores". Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia, n.º 19, 1978.)

Era uma arte de arrastar pelo fundo e de alar para bordo à mão, de manuseamento complicado, exigindo uma tripulação composta por quatro a cinco homens das companhas, treinados para trabalhar com este tipo de aparelho. Os homens dirigiam-se para zonas pouco distantes

da praia (sublitoral) e pescavam a uma profundidade reduzida. A expressão andar à barga era, em tempos mais recuados, utilizada para designar este sistema de pesca.

Os atuais "caícos" a motor, pequenas embarcações mais recentes nas praias que praticam a arte-xávega, são utilizados na "mugiganga", para a pesca de pequenas espécies como o camarão, a faneca e o robalo. No passado eram utilizadas as "bateiras", embarcação de 5 a 7 metros de comprimento, de fundo chato e dois bicos. Possuíam um pequeno coberto para guardar roupa e pequenos objetos.



Pesca com Mugiganga. Foto Mike Weber



Pescador a lançar a Mugiganga. Foto Mike Weber